



A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CRIANÇA / PRÉ-ADOLESCENTE E A EDUCOMUNICAÇÃO COMO MEDIADORA DESSE CONTATO¹

Ana Caroline RIBEIRO²
Aline de Jesus BATISTA³

Resumo: Neste artigo, pretendemos fazer uma reflexão sobre como a mídia pode causar um efeito influenciador sobre crianças e pré-adolescentes, mostrando como se dá a relação entre os meios de comunicação e os receptores dessa faixa etária. Buscamos, também, apontar a Educomunicação como facilitadora do processo de recepção das informações midiáticas e como essa nova ferramenta pode ser utilizada no ambiente escolar, trazendo benefícios para alunos e para a escola. Dividido em dois blocos, o presente trabalho apresenta os problemas da mídia, no que tange o desenvolvimento infanto-juvenil e como a própria mídia pode solucionar esses problemas. Para a análise psicológica do desenvolvimento infanto-juvenil utilizamos a Teoria do Desenvolvimento de Piaget, selecionando a terceira infância e a adolescência como amostra.

Palavras-chave: Mídia, Educomunicação, Teoria do Desenvolvimento.

¹ Trabalho apresentado ao GT 05 – Mídia Visual e Audiovisual, do I Encontro de História da Mídia da Região Norte.

² Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Tocantins, ana-carolineribeiro@hotmail.com

³ Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Tocantins, aljbatista@hotmail.com

Introdução

Os meios de comunicação de massa têm a função social de informar o público sobre assuntos de seu interesse. Mesmo que, por vezes, esses assuntos sejam noticiados de maneira sensacionalista. Os motivos de noticiar um fato desta ou daquela forma dizem respeito apenas ao interesse da organização/jornalista ou qual sentimento querem despertar no público a partir da publicação (aqui no sentido de anunciar, propagar). Essa característica (a forma e os motivos de noticiar) abrange todos os meios de comunicação e seus produtos. Não se restringe apenas aos jornais, mas ao cinema, às telenovelas, aos desenhos animados, à programação da televisão, às propagandas.

No sistema comunicacional emissor>mensagem>receptor, os meios de comunicação são o emissor, o conteúdo é a mensagem e o público é o receptor. A mensagem passa por processos e, ao chegar ao receptor, pode causar um efeito planejado ou não pelo emissor. Os efeitos podem ser a persuasão, a formação de opinião, o choque cultural, alienação, rejeição ou simplesmente informação. Alguns desses efeitos podem ser prejudiciais à criança e pré-adolescente em desenvolvimento. Segundo Azambuja (1995) um estudo feito pelo Instituto Datafolha (1991) mostra que 93% das crianças/pré-adolescentes que participaram da pesquisa costumam assistir TV como fonte de entretenimento. Ou seja, conforme os dados dessa pesquisa, quase a totalidade das crianças estão expostas aos efeitos midiáticos.

Este artigo pretende proporcionar uma reflexão sobre como as mídias, em especial a televisão, afetam as crianças na fase de pré-adolescência e como a Educomunicação pode tornar a relação mídia – receptor mais saudável.

A mídia como problema

Os meios de comunicação fazem parte do cotidiano das crianças e pré-adolescentes. De acordo com Wanda Jorge (2004), as crianças passam, em média, 3,5 horas por dia em frente à televisão. “Em estudo feito pela Unesco, o tempo que as crianças gastam assistindo a televisão é, pelo menos, 50% maior que o tempo dedicado a qualquer outra atividade do cotidiano, como fazer a lição de casa, ajudar à família, brincar, ficar com os amigos e ler” (JORGE, 2004).

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

E esse tempo que as crianças passam em frente à televisão, segundo Azambuja (1995), não é questionado pelos pais, mas, de acordo com a idade, a programação e o conteúdo a serem vistos recebem interferência. Quanto maior a idade, maior a preocupação dos pais em relação ao conteúdo. Por exemplo, 65% dos pais pesquisados vetam programas assistidos por crianças entre 11 e 12 anos, enquanto 43% dos pais de crianças de 7 e 8 anos interferem na programação.

Por estarem sempre presentes no dia a dia das crianças e serem regidos por questões de interesse, principalmente das organizações, os meios de comunicação, por vezes, são vistos como vilões sutis que influenciam as crianças a praticar aquilo que vêem na televisão ou na internet, por exemplo.

O problema que envolve essa questão é o fato da criança ser inexperiente para digerir o que lhe é transmitido pelos *media*, sendo, assim, facilmente influenciada e persuadida. “A programação transmitida pela TV acaba tornando-se um ponto de referência na organização da família, está sempre à disposição, sem exigir nada em troca, alimentando o imaginário infantil com todo tipo de fantasia”, afirma Jorge (2004).

A UNESCO (2000) fez uma publicação composta por artigos e pesquisas de estudiosos de diversos países sobre a relação da criança e a mídia. No artigo “A Natureza e o Contexto da Violência na Televisão Americana”, Wilson (2000) diz que a exposição a programas violentos podem causar, pelo menos, três conseqüências aos receptores: Aprendizagem de atitudes e comportamentos agressivos, dessensibilização à violência e maior medo de ser vítima de violência. Wilson destaca, ainda, que a violência na televisão contribui para o comportamento agressivo infantil, e que esse efeito pode chegar à idade adulta.

Tornar-se violento não é o único risco que as crianças expostas à violência apresentada pelos meios de comunicação correm. Gomide (2002) afirma que “aqueles que assistem a muitas horas de televisão acreditam que o mundo é tal como é visto através dos programas, ou seja, com violência, estupro, assassinato, uso de drogas, etc.”, o que pode ocasionar um medo constante de ser vítima de agressão. A criança pode se retrair, tornar-se insegura e desenvolver traumas.

A terceira infância e o pré-adolescente

A criança da terceira infância tem entre 7 e 11 anos, aproximadamente, e, de acordo com a teoria do desenvolvimento de Piaget *apud* Santana (s/d),

Nessa idade a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática. A criança adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais (...). A criança, que no início do período ainda considerava bastante as opiniões e idéias dos adultos, no final passa a enfrentá-las. (SANTANTA, s/d)

É a fase das operações concretas, onde a criança começa a pensar suas ações e a trabalhar o raciocínio, a elaborar sua visão crítica. Porém, como intervém Terra (s/d), “tanto os esquemas conceituais como as ações executadas mentalmente se referem, nesta fase, a objetos ou situações passíveis de serem manipuladas ou imaginadas de forma concreta”.

Neste período ela inicia seu próprio pensamento, que pode confrontar com a opinião dos adultos. É nessa fase também que a criança está mais exposta à televisão. De acordo com Azambuja (1995), 58% a 76% dos pais dessas crianças não interferem no tempo que passam assistindo. Ou seja, elas estão em desenvolvimento cognitivo/aprendizagem e passam muito tempo em frente a mídias com alto poder de persuasão.

Na pré-adolescência, entre os 10 e 12 anos, o sujeito começa a sofrer mudanças tanto no corpo quanto na mente. Caracterizada por muitos como “fase complicada” ou “difícil”, na pré-adolescência a mídia exerce influência na questão de identificação grupal e social. Vidigueira (2006) em sua pesquisa sobre a influência televisiva no desenvolvimento sócio-emocional dos adolescentes constatou:

- Crescente procura pela autonomia, demonstrando por um lado o progressivo afastamento face à família e, por outro, o surgimento de preocupações de caráter moral e reivindicativo, o que se traduz na individualização do consumo televisivo;
- Importância dos atributos físicos, tais como a beleza, na “apreciação” das personagens televisivas. (VIDIGUEIRA, 2006)

Azambuja (1995) afirma que a televisão “aparece, assim, como um grande celeiro de modelos de identidade”. A partir da terceira infância parte da admiração que

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

as crianças, e agora pré-adolescentes, tinham por seus pais, avós e tios é transferida aos atores, atrizes, jornalistas e apresentadores da televisão, cinema, rádio.

Isso acontece por causa da interação social. Vygotsky apud Andrade (2006) afirma que “as características humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo nem são meros resultados das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural”. Ou seja, não significa que a televisão, por exemplo, é totalmente prejudicial ao desenvolvimento infantil, mas como estão em processo de desenvolvimento intelectual e social, e passam muito tempo na companhia de meios de comunicação de massa, as crianças acabam interagindo mais com elas e, como ainda são inexperientes na decodificação midiática, acabam sendo influenciados.

Como afirma Andrade (2006), os meios de comunicação não são os únicos determinantes na formação do sujeito. “A mídia (...) tem uma ressonância concreta na vida das pessoas e grupos sociais porque pode responder às suas necessidades, expectativas e desejos”, conclui a pesquisadora. A escola, os pais, a família e o Estado fazem parte da formação infantil, o que inclui a formação da visão crítica, e devem auxiliar as crianças com o uso da mídia.

A mídia como solução

Dentre as funções que os meios de comunicação têm (informar, entreter, difundir cultura) está o papel de educar, que pode ser executado tanto através da programação (programas educativos, como o Telecurso 2000), pelo viés que uma notícia é dada ou usando os meios de comunicação na escola, campo que está sendo abordado neste artigo.

O uso dos meios de comunicação na escola contribui positivamente com o desenvolvimento do aluno. Hitara *et al* (2005), citando Orozco, afirma que a educação para os meios deve ser obtida através de mediação e “deve ser realizado entre os meios de comunicação de massa, as instituições educativas e os processos de recepção de mensagens que envolvem os estudantes”. Se a escola prepara as crianças para diversas

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

situações, por que não incluir nesse rol a preparação para recepção a partir dos meios de comunicação?

É a partir dessa idéia, que Alegria (s/d) afirma que “(...) ensinar e aprender é uma atividade social da escola, mas também de diversas outras instituições sociais. Da mídia inclusive”. O autor defende ainda que “o consumo social da mídia e dos audiovisuais se tornou uma constante, sendo preciso intervir nesse domínio”.

E essa intervenção pode ser feita pela escola. Orozco apud Hitara (Idem) admite que é “um grande desafio na educação a inclusão dos produtos da mídia na sala de aula, para que estes não continuem sendo contrários da educação”. Porém, “o jogo de mediações”, como caracteriza Hitara (Idem) é fundamental para o desenvolvimento do aluno e a escola poderia muito bem exercer o papel de mediadora.

[...] ou fazemos dos meios nossos aliados ou os MCM seguirão sendo nossos inimigos e competindo conosco, deslealmente, fazendo-nos perder relevância na educação das crianças e, finalmente deixando-nos marginalizados de seu desenvolvimento educativo real, ou seja, esse que se dá fora do espaço da escola. (HITARA, 2005)

Na escola, a criança tem contato com o mundo através das disciplinas estudadas. Também começa a se relacionar com diferentes pessoas e culturas e é lá que passa grande parte de seu dia, ainda mais com a implantação de escolas que funcionam em tempo integral. Esse tipo de instituição (integral) oferece muitas outras atividades que as escolas tradicionais de apenas um turno, como oficinas e atividades culturais, aulas de música e artes, além da prática de atividades físicas. A escola, em geral, ensina o aluno a viver. Portanto, deve ser sua obrigação, também, ensiná-lo a receber da forma mais proveitosa possível, o bombardeio de informações a qual ele é exposto todos os dias, já que os meios de comunicação estão tão presentes em seu cotidiano, assim como afirma Orozco (1997): “Na polêmica televisão *versus* crianças, mais que proibir, ralar, ou pior, consentir pacificamente cabe aos professores e à escola prepararem-se para assumir o papel de mediadores críticos do processo de recepção”.

Há, portanto, a necessidade de preparar os professores para essa nova realidade. Com o auxílio de cursos específicos e o acompanhamento de um profissional de

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

comunicação qualificado, essa transição pode se dá de forma saudável e lucrativa para ambos os lados. Esse profissional seria o educador, que representa bem mais que a junção de duas áreas. Soares *apud* Sartori (2005) define a Educomunicação como

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES *apud* SARTORI, 2005)

A Educomunicação não é apenas o uso dos meios de comunicação dentro da escola como auxílio do professor, mas, como explica Soares (s/d), “um conjunto das ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação”. E, entre essas ações, “observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular” (Idem).

O uso das práticas de Educomunicação na sala de aula, portanto, serve para auxiliar os alunos a receber informações através da mídia, e, assim, tornar sua relação (mensagem - receptor) mais saudável. E, para tornar o uso da Educomunicação mais eficaz, a escola precisa de professores capacitados para tal.

A preparação dos docentes para a educação através dos meios de comunicação, visando, claro, a recepção, é um assunto que deve ser pensado e planejado pela escola. Esse novo profissional deve estar ciente de como a mídia interfere (positiva ou negativamente) no desenvolvimento da criança/pré-adolescente, por isso a necessidade da interferência do profissional de comunicação. Para Moran (1997) esse profissional “deve ser um conhecedor da Comunicação, dos Meios de Comunicação e ter experiência pedagógica.” Ainda para o autor “(...) o educador para a comunicação deve ser um assessor dos professores, para que haja um maior enriquecimento didático”.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Mas, como esse novo profissional poderia trabalhar a Educomunicação para minimizar os efeitos negativos da mídia sobre o público infanto-juvenil? Como o professor pode preparar o aluno para o contato com as mídias?

Os métodos podem ser os mais variados. Um exemplo seria analisar, em sala de aula, um determinado jornal local, do qual os alunos provavelmente conhecem (por ouvir falar) o teor das principais matérias. O educador poderá levá-los, com base no conhecimento do ocorrido que os alunos têm, a questionar a abordagem usada pelo repórter e se ela seria, na opinião deles, a mais adequada. A finalidade desse exercício não é criar críticos de jornal, mas sim fazê-los perceber que o que está publicado não é uma verdade absoluta, e está sim sujeita a questionamentos.

Outro exemplo útil para iniciá-los na formação desse conhecimento crítico das mídias é trazer debates para sala de aula sobre temas “do momento”, seja da novela, dos jornais ou uma produção da TV nacional, ou não, que esteja em voga. Assim, o aluno vai perceber que tudo está sujeito à análise, que nada dispensa sua interpretação.

Delgado (2001) aborda essa mesma temática usando como objeto de análise a publicidade. “As crianças transformam a publicidade em objeto de estudo, terão ocasiões para desnudar sua linguagem, intuir seus méritos e defeitos, sua eficácia e poder de inserção na vida cotidiana”.

Posteriormente, já com essa análise crítica iniciada, outros trabalhos poderiam ser desenvolvidos na escola como a criação de uma rádio escolar, de um blog ou de um jornal semanal. Deve ser acompanhado por um professor com conhecimento em comunicação – um educador. Ou, como Delgado sintetiza:

O jornal é um veículo cuja importância reside essencialmente no fato de ajudar a criança a perceber a complicada trama da existência e as diversas nuances da percepção e da verdade, a medida em que, no decorrer de seu processo de escolarização passa a perceber que existem mais pontos de vista que o dela mesmo. (DELGADO, 2001)

Ou seja, a construção dessa visão crítica se dá em um longo e permanente processo, dia após dia, com o auxílio de profissionais qualificados e uma instituição

motivada, para que assim todos possam colaborar na formação de crianças capazes de distinguir entre o que é certo e errado, independente da opinião da “massa”.

Considerações Finais

Esse artigo abordou, a princípio, o comportamento da criança diante da mídia. Sua passividade e inexperiência a deixa sujeita a informações de todos os tipos, sem que ela tenha necessariamente embasamento para processá-las e conseqüentemente questioná-las. As conseqüências dessa exposição podem ser as mais diversas, desde comportamento violento, por parte da criança, até um sentimento de medo que pode leva - lá a se retrair.

Tendo o perfil criança/pré-adolescente fixado, analisamos como os meios de comunicação dentro da escola podem auxiliá-las a receber as diversas informações que são veiculadas pela mídia. A finalidade é conseguir minimizar o efeito influenciador dos meios e desenvolvendo, gradativamente, a visão crítica da criança/ pré-adolescente.

E neste ponto apresentamos como solução a Educomunicação, que vai trabalhar de forma clara e simples como essa visão crítica dos meios se dá. Sempre com exemplos que façam parte da vida das crianças/ pré-adolescentes tornando esse estudo um processo natural e agradável. Por isso a importância desse profissional ser alguém que tenha conhecimentos tanto na área pedagógica quando na comunicação.

É importante ressaltar que a Educomunicação não irá acabar com os efeitos das mídias sobre a criança/ pré-adolescente, sua função é minimizar essa influência. Uma vez que a Educomunicação for uma constante na vida dessas crianças e pré-adolescentes suas relações com os meios de comunicação mudam, passando de passiva para um agente ativo e atento ao que está sendo veiculado.

Referências

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

SARTORI, Ademilde Silveira. SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire - Recife, 2005.

OROZCO, Guillermo. **Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas**. Revista Comunicação e Educação - São Paulo, 1997.

SANTANA, Juvenal. **Psicologia do Desenvolvimento**. www.brasilecola.com/psicologia.

JORGE, Wanda. **Mídia para criança e o adolescente**. Revista Ciência e Cultura. vol.56 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004 http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000100038&script=sci_arttext

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão**. Portal de Revistas Científicas em Ciências da Saúde, 2002. www.portal.revistas.bvs.br.

AZAMBUJA, Roseli Stier. **A decodificação do discurso adulto da televisão pelo público infantil** in SOUSA, Mauro Wilton de Sousa (org.) *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor* – São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. <http://www.usp.br/nce/educomunicacao/saibamais/textos/>

HITARA, Francielly Thaís. SILVA, Priscila Kalinke. DELIBERADOR, Luzia Yamashita. **Espaço Educação: Um Olhar Crítico dos Meios de Comunicação e o Exercício da Cidadania**.

http://www.ump.edu.br/midialogos/ed_02/artigos/Espaco%20Urbano.pdf

VIDIGUEIRA, Vânia Cristina Rosário. **A influência da televisão no desenvolvimento sócio-emocional do adolescente**. www.psicologia.com.pt.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>

ANDRADE, Eva. **A influência da mídia no desenvolvimento psicológico infantil**. <http://www.unicentro.br/proec/publicacoes/salao2008/artigos>

WILSON, Bárbara *et al.* **A natureza e o contexto da violência na televisão americana** in CARLSSON, Ulla. Feilitzen, Cecília (orgs.). *A criança e a violência na mídia*. 2. ed – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORAN, José Manoel. **Os meios de comunicação na escola**. Série Idéias n.9. São Paulo: FDE, 1994. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf

DELGADO, Omar Carrasco. **Os meios de comunicação na sala de aula**.

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/errata/DELGADO.PDF>

ALEGRIA, João. **Comunicação e educação: diferentes contextos pedagógicos da produção e da recepção de conteúdos, linguagens e processos de mídia**.

<http://sites.google.com/site/sitiodojoaoalegria/enc01>